

FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO¹

Marcelo Senna Guimarães*

Gostaria de propor três eixos de reflexão sobre a presença da filosofia na escola. Eles são propostos a partir principalmente da minha prática como professor de filosofia, e não tanto a partir de bibliografia sobre a educação, por isso talvez em alguns momentos minhas formulações possam parecer um pouco ingênuas. Não pretendo falar grandes novidades também, mas destacar temas que me parecem importantes e que merecem ser trabalhados na escola – onde já o são, ao menos em parte.

Os três eixos são:

- (1) a questão do isolamento do professor e a importância do trabalho em equipe, ou trabalho coletivo;
- (2) a potencialidade das interações da filosofia com outras disciplinas;
- (3) a questão da formação do professor e a relação com a universidade;

(1) Sobre a questão do isolamento do trabalho do professor, penso que é importante notar que muitas vezes nem nos damos conta do quanto trabalhamos isoladamente. A relação de cada um com suas turmas e com as aulas que prepara e realiza sem dúvida é única, e tem em tudo a marca pessoal. A relação de cada um com o estudo da filosofia também tem muitas vezes essa marca. Porém, quem já experimentou

¹ Texto originalmente produzido para o Seminário “Desafios do Ensino Médio – Fundação Getúlio Vargas”, Rio de Janeiro, agosto, 2008.

* Mestre em Filosofia – UFRJ. Especialista em Educação – PUC-SP. Graduado em Filosofia – UnB. Professor de Filosofia do Colégio Pedro II

algo que poderíamos chamar de “uma amizade filosófica”, um encontro em outras pessoas de uma disposição para a interlocução e o trabalho conjunto sobre as idéias e os pensamentos, sabe a potência da troca com o outro nos campos da filosofia e de outros conhecimentos.

Para além dos professores de filosofia, muitas vezes no ensino médio também se trabalha de modo isolado. Cada professor trabalhando sua disciplina, seguindo seu programa, sem conseguir ou mesmo sem tentar articulação com outros colegas e disciplinas (de certo modo, o isolamento também se reflete no fato dos professores de filosofia trabalharem alguns filósofos de sua preferência, sem estabelecer articulações com outros autores. Ou ainda na especialização precoce, que parece ser a tendência incontornável a conformar os cursos de graduação, nessa disciplina e em outras).

Na contra-mão dessa tendência, que muitas vezes se estabelece contra a vontade dos professores, pelas dificuldades nas condições de trabalho, penso que deve ser valorizado o trabalho de coordenação entre os professores de uma mesma disciplina e entre os de diferentes disciplinas. Essa tese talvez seja velha e óbvia, mas ainda encontra dificuldades para se realizar. A co-ordenação de trabalhos pode ser extremamente instrutiva e produtiva para os professores, ao possibilitar a troca de experiências e conhecimentos e o aprendizado conjunto – dos próprios professores. No Colégio Pedro II, temos tentado implementar um modelo de coordenação onde, a partir de um programa comum de conceitos – de certo modo um programa minimalista – cada professor possa produzir seu próprio material didático e avaliações e compartilhá-los, regularmente, com outros professores. Num momento em que deve crescer a discussão sobre o programa de filosofia para a escola, esse modo de trabalhar permite, a partir de delineamentos comuns, que cada professor tenha espaço para trazer suas contribuições ao modo como a disciplina pode estar presente na escola. A constante troca e produção de materiais permitirá, espera-se, aprimorar o conhecimento de cada um e a formulação de um programa (ou de vários) que representem formas produtivas da filosofia se fazer presente no currículo do ensino médio. Gostaria de dar ainda dois exemplos de trabalho em equipe em filosofia que podem ser interessantes para pensarmos.

(a) o livro didático público da secretaria estadual de educação do Paraná:

- Essa interessante iniciativa, que pode ser consultada na Internet, permitiu consolidar em um livro a produção didática de diversos professores da rede estadual, em várias disciplinas. Valorizar a produção dos professores não é uma prática de menor interesse ou de menor sentido educacional e político. Talvez cheguemos a valorizar também a produção dos alunos, em algum momento. É interessante o potencial da filosofia nesse ponto. Quando os alunos são adequadamente estimulados a produzir textos filosóficos que não sejam a mera repetição de idéias já pensadas, costumam fazê-lo com muito gosto e criatividade.

Posso citar, como experiência pessoal, dois tipos de produções que me pareceram valiosas: uma produção de mitos sobre a origem dos brasileiros, como modo de reflexão sobre nossa identidade coletiva; e a produção de jornais temáticos em sala de aula, com a criação pelos alunos de diversos modos de discussão de um tema – incluindo artigos, editoriais, entrevistas, matérias de pesquisa e charges. Outros exemplos como a realização de esquetes ou peças teatrais e a produção de programas de rádio podem ser citados como resultado da atividade dos professores com os alunos.

(b) O Fórum de Filosofia e Ensino, realizado no ano passado com participação de professores de diversas universidades do Rio de Janeiro – UFRJ, UERJ, UFRRJ (Rural), UNIRIO, PUC, UGF, além do Colégio Pedro II, FAETEC e outras escolas:

- O Fórum procurou estimular a troca de experiências através de oficinas promovidas por professores, além das discussões de temas em mesas redondas. Pode parecer óbvio, mas esse caminho de construção de uma prática coletiva devem ser reforçados, como modo da disciplina ganhar consistência em suas proposições. Nem sempre é fácil realizar esse tipo de encontro, pois a própria rotina muitas vezes extenuante acaba por nos conduzir ao isolamento. Mais difícil ainda é fazer com que

esse tipo de encontro não seja apenas esporádico, mas se torne parte integrante de um modo de trabalhar

(2) O segundo ponto que gostaria de propor trata da articulação da filosofia com outras disciplinas. Esse tema já tem sido debatido há muito tempo sob a rubrica da interdisciplinaridade, é certo. Não tenho a pretensão de recuperar todo o debate aqui. Gostaria de mencionar um pequeno trecho de um texto do professor Renato Janine Ribeiro, da USP, que já se manifestou sobre esse assunto:

“O que defendo é que a filosofia não seja, no ensino médio, uma andorinha solitária. Se os alunos não conhecerem as riquezas da língua, não entenderão a precisão de um texto filosófico.

A primeira parceria é, pois, com o professor de português. É parceria de mão dupla, porque a filosofia também pode ajudar, com os conceitos, a estudar a literatura.

Como estudar o romantismo sem a filosofia romântica – uma filosofia que vá além das generalidades sobre Madame de Stael visitando a Alemanha? As outras parcerias podem variar.

Penso na história, associando a filosofia com a política, a cultura, as descobertas; nas ciências, discutindo o ‘espírito científico’ e suas mudanças no século 20 e 21; até na educação física, pois os filósofos pensaram muito o corpo (e muito contra o corpo...).

Podemos desenhar programas de filosofia a partir dessas parcerias. Só receio uma filosofia sem aliados - e isso porque duas ou três horas semanais, o que me parece o mínimo razoável, é pouco, se não ressoarem no resto do ambiente.”

A idéia central já foi colocada por Renato Janine Ribeiro: as parcerias da filosofia podem potencializar essa disciplina e as outras. A parceria com a disciplina da Língua Portuguesa é de fato fundamental. Não aprendemos, nas faculdades de filosofia, que podemos estender e aprimorar sua alfabetização nas escolas de ensino médio – mas sem dúvida o podemos fazer. Se a filosofia pretende trabalhar com leitura e produção de textos, nada mais natural do que essa articulação – que envolve, é claro, outras disciplinas onde o trabalho com textos é privilegiado. Também a literatura oferece oportunidades valiosas para o trabalho conjunto. Além de estudar as correntes

filosóficas relacionadas a diversas escolas literárias, como sugerido por Renato Janine Ribeiro, podem-se usar textos literários para estimular a discussão e o pensamento. Como exemplo, sugiro a leitura, para quem ainda não o conheça, do texto “O homem da cabeça de papelão”, de João do Rio, e sua comparação com textos filosóficos, como “Apologia de Sócrates”, de Platão, ou “Resposta à pergunta – O que é Esclarecimento?”, de Kant. Os contos – entre outras formas de expressão literária e artística – fornecem material riquíssimo para o desenvolvimento de questões filosóficas.

O campo é vasto também no que toca às ciências naturais e humanas. Muitos livros didáticos de Física e Química, por exemplo, costumam trazer seções introdutórias de história da ciência, onde se apresentam sumariamente diversos pensadores que são estudados pelos filósofos – entre eles, aqueles conhecidos como Pré-Socráticos, Aristóteles, ou outros, mais modernos, como Galileu e Newton. Um professor de filosofia, com razoável conhecimento de história da ciência, pode abordar de modo muito rico as transformações da ciência antiga e a criação da ciência moderna; discutir o significado da investigação científica, as hipóteses sobre a natureza, as conseqüências dessas concepções sobre a compreensão do próprio homem – pense-se, por exemplo, na teoria da evolução, de Charles Darwin. Isso para não mencionar questões de teor mais atual, como aquelas relativas à bioética, aos desenvolvimentos da engenharia genética, do Projeto Genoma etc.

Uma questão sugerida por uma prova de vestibular da UFMG – em que pese a problemática relação do ensino médio com esse modo de acesso ao ensino superior – pode ser muito instigante nesse ponto: pode o Projeto Genoma ser considerado uma forma de conhecimento de si? Deverá o que entendemos como “conhecer-se a si mesmo” reduzir-se ao sentido do conhecimento proporcionado pelo Projeto Genoma – pelo desvendamento da seqüência gênica do homem?

Um trabalho que vem sendo realizado há vários anos e que merece destaque por promover a interação das ciências e sua história com diversas disciplinas, além da filosofia, é o trabalho do grupo Tekné, grupo de professores de Física, doutores em História e Filosofia da Ciência, que têm se dedicado à produção de material didático articulando os campos das ciências, das ciências humanas e da filosofia.

Em relação à História, as articulações possíveis também são muitas. Além da contextualização histórica dos pensadores, pode-se pensar no interesse da leitura

mais cuidadosa dos autores mencionados nas aulas de História. Outras possibilidades são a discussão das noções de tempo, teleologia, acaso, causalidade histórica, que pode ser aprofundada com a abordagem filosófica.

Essas sugestões visam estimular a criatividade de professores e outros agentes da educação. É claro que há muitos outros caminhos possíveis para realizar essas articulações, e eles devem ser construídos conforme a possibilidade e a necessidade de cada escola. Não se pretende abarcar aqui uma noção de interdisciplinaridade que se pretenda totalizante ou eliminadora das diferenças entre as disciplinas, mas apontar caminhos possíveis, talvez sempre incompletos, de articulação.

(3) Todas essas sugestões e comentários nos levam ao terceiro e último ponto desta apresentação. A formação do professor de filosofia, e também de outras disciplinas, requerida por esse projeto de educação como uma tarefa coletiva, não será necessariamente simples. Envolve a capacidade de se relacionar com distintos saberes, e a disposição para aprender a partir de diferentes discursos e experiências. Envolve a necessidade de uma formação ampla, capaz de reconhecer a importância de diferentes pensamentos filosóficos ao longo da história. Essa formação certamente não é a privilegiada na maioria de nossos departamentos universitários, onde parece predominar a tendência de formação de especialistas. Não se pretende aqui negar o valor da especialização, mas deve-se pensar nas necessidades diferentes exigidas de um professor na educação básica. É necessário portanto o diálogo e a atuação coordenada também dessas duas instâncias: a escola e a universidade. Esse diálogo, até hoje, acontece de modo incipiente. Não obstante, os professores vêm sendo formados. A experiência de estágio supervisionado, na qual os alunos licenciandos das universidades acompanham e participam do trabalho realizado no ensino médio, é sem dúvida fundamental para a formação dos professores. No Colégio Pedro II, o Departamento de Filosofia optou por realizar, em parceria com a UFRJ, um estágio no qual os licenciandos acompanhem o trabalho desenvolvido durante um ano inteiro no ensino médio. Essa opção se justifica pela necessidade de oferecer aos licenciandos a experiência efetiva do que significa trabalhar com turmas de alunos na educação básica, desde o primeiro contato com as turmas até a finalização dos trabalhos e o lançamento das notas finais. Nesse ínterim, ocorrem atividades de planejamento, avaliação, recuperação, conselhos de classe, entre outras. Esse projeto nem sempre consegue se

realizar completamente, em função de dificuldades diversas, entre elas a possibilidade dos licenciandos estarem presentes já nos primeiros dias do ano no colégio como estagiários. Alguns impedimentos de caráter mais burocrático muitas vezes dificultam a realização daquelas ações que têm interesse pedagógico. Mesmo assim, é importante ressaltar que a formação dos professores não deve ser deixada em segundo plano, nem deve ser considerada uma “sobrecarga” do trabalho do professor, mas sim como parte de seu trabalho, entendido este como um trabalho coletivo. A educação não é uma tarefa individual.

Certamente muitos dos pontos aqui aludidos merecem maior desenvolvimento, mas espero ter contribuído para levantar algumas questões relevantes para todos interessados na educação básica.

Referências:

RIBEIRO, Renato Janine. “O último vôo da andorinha solitária”. Artigo publicado no Jornal de Ciência da SBPC, edição de março de 2005.

Grupo Teknê. www.tekne.pro.br